

>> especial
 parceiros


// A Quinta deve o seu nome ao primeiro proprietário, D. Pedro de Almeida, vice-rei da Índia, a quem D. João V concedeu o título de I Marquês de Alorna por actos de bravura na tomada da praça-forte de Alorna, na Índia. Tendo comprado o Casal de Vale de Nabais em 1723, quando regressou a Portugal, D. Pedro de Almeida fez dele o núcleo central de um vasto grupo de propriedades em que plantou as primeiras vinhas, mudando-lhe o nome para Quinta da Alorna

Alorna reescreve história do vinho

A Quinta da Alorna é um dos maiores produtores de vinho do Tejo e está no pelotão da frente desta dinâmica região vitivinícola. A profissionalização da gestão da empresa e as boas parcerias com fornecedores têm contribuído para o crescimento do seu negócio. **Nélia Silva**

Três séculos e cinco gerações depois, a Quinta da Alorna, em Almeirim, continua a fazer história no panorama agrícola nacional. A Sociedade Agrícola da Alorna gere três núcleos de produção: vinha (200 hectares), floresta (1.600 ha) e hortícolas e cereais (350 a 400 hectares em parceria com rebanhos e 500 hectares em gestão directa). Mas o coração do negócio continua a ser a vinha, que representa 50% do volume de produção directa da empresa. Por ano, são confeccionados 1,5 milhões de litros de vinho nas adegas da Alorna, dos quais cerca de 40% (55% em valor) exportados para diversos mercados mundiais. Na última década a gestão da empresa profissionalizou-se e reposicionou a marca Alorna no mercado do vinho, conquistando notoriedade e granjeando diversos prémios nacionais e internacionais. O último dos quais recebido pela enóloga principal da Alorna, Marta Simões, premiada como Enóloga do Ano da Região Tejo.

A montante, o movimento de requalificação começou com

a reestruturação das vinhas, como explica Gustavo Caetano, director de produção da Alorna: «Estamos a trazer as vinhas para solos de aluvião, mais férteis, para que haja maior equilíbrio entre a produção e a qualidade. Há 25 anos foi feito o inverso, levaram-se as vinhas do campo para a charneca (solos pobres). Isto fez todo o sentido em termos de qualidade das uvas, mas actualmente, mantemos o nosso melhor núcleo de vinha na charneca, a reestruturação passa-se no aluvião.» Nas novas vinhas apostaram em castas brancas diferenciadoras, como a Viognet, a Sauvignon Blanc, a Marsanne, a Moscatel e a Verdelho, completando a gama das tradicionais Fernão Pires e Arinto, das vinhas mais antigas. Nas castas tintas a Touriga Nacional é a grande aposta da Alorna, combinada com Syrah e Cabernet Sauvignon.

Entre os parceiros que têm ajudado a Alorna crescer destaca-se a ADP Fertilizantes. «Tem sido um dos nossos parceiros de eleição nesta caminhada de 10 anos, com um papel muitíssimo importante

na resposta às nossas necessidades, não só em termos de produtos, como ao nível do acompanhamento técnico pós-venda. Essa e outras parcerias têm-nos permitido acompanhar a evolução dos tempos», reconhece Gustavo Caetano.

Isto porque a nutrição é essencial na condução da vinha. Se até aqui a Alorna tem apostado em gamas de fertilizantes-base (genéricos), com intervenções nas vinhas de três em três anos, nos próximos anos pretende evoluir na gestão da fertilização. «Temos tido algum *handicap* nesta matéria, porque a maioria das nossas vinhas não é regada, o que nos complica toda a com-

ponente de nutrição. Mas, agora com a reconversão das vinhas e a introdução do sistema de rega na vinha nova, vamos começar a trabalhar a nutrição de outra forma, nomeadamente com adubos líquidos de acompanhamento em toda a fase cultural da vinha», explica o director de produção da Alorna.

Nas culturas anuais, Gustavo Caetano já segue uma estratégia de nutrição direccionada, recorrendo a produtos específicos como o Amicote, da ADP Fertilizantes, que tem um efeito *starter* na cultura do milho. É aplicado na linha à sementeira e permite maior homogeneidade no desenvolvimento inicial da cultura. //



// «Entre 2010 e 2011 a região Tejo aumentou 25% a produção de vinho certificado e exportou mais de 50%, superando os seis milhões de garrafas», Gustavo Caetano, director de produção da Sociedade Agrícola da Alorna